**Curso de Formação Política**

**“Mulheres – corpos e memórias construindo comunidades e resistências”**

**Trabalho Final: Carta**

**Participante: Cícera Maria Silva**

**Email:** **cicerasilva362@gmail.com**

**Tel. (85) 99257.1515**

**Fortaleza – Ceará, 2023.**

Fortaleza, 20 de Junho de 2023.

Minha estimada amiga Edite, como vai?

Desejo que estejas bem, em paz e com saúde!

Minha amiga, venho por meio desta carta te dar notícias minhas e também saber notícias suas. Não deixe de me falar sobre você e sobre a nossa comunidade negra aí no “Cratim de açúcar”. Peço desculpas pela demora em falar com você, mas como tu sabe, a vida das mulheres é atravessada por muitas coisas.

Querida Edite, nos últimos anos, a sobrevivência da população brasileira tornou-se mais difícil, afetando diretamente e mais fortemente os direitos humanos e sociais de grupos já massacrados politicamente, economicamente e culturalmente, como mulheres, negros, indígenas, ciganos, imigrantes, etc. Outra questão que me impactou e fragilizou minha atuação política foi o adoecimento físico e mental de amigas e familiares, tendo em vista a pandemia e o contexto político-econômico nacional e de (in)segurança pública em nosso estado. Esse cenário me desestabilizou e eu vinha me sentindo um pouco paralisada, mas sempre tentando reagir. Como se não bastasse, para encerrar a maldita era Bolsonaro, em dezembro do ano passado, houve o falecimento de minha matriarca, aos 88 anos. Edite, a gente só sabe, de verdade, o que é perder uma mãe, quando passa por isso. Era minha âncora.

Por tudo o que expus acima, minha amiga, foram tempos difíceis e amedrontadores, mas nós continuamos existindo e resistindo! Aí, uma das estratégias para me renovar e seguir, foi buscar estudar um pouco mais e me inscrevi num curso de formação política para mulheres. O nome do curso me chamou muito a atenção, me pareceu ser bem interessante: “Mulheres – corpos e memórias construindo comunidades e resistências”. E esse curso foi preparado e ofertado por organizações da sociedade civil que têm longa trajetória e são grandes referências para o movimento de mulheres, como o Cfêmea, Graal, CEBI, Anas e Outras, além das organizações parceiras como a Universidade Livre Feminista. É só potência, amiga! E sem falar das pessoas que conduzem as aulas que são todas lindas e maravilhosas. São grandes mulheres!

Já estamos chegando ao final do curso, mas vou te falar um pouco sobre ele pra você e nossas companheiras aí no Cariri cearense não perderem uma oportunidade de fazer. Embora eu tenha já um “tempim” no movimento de mulheres negras, a gente tem sempre muito o que aprender e a aula inaugural já foi muito surpreendente, pois tinha umas palestrantes deputadas muito valentes, competentes e de muita força. Depois tu procura uns vídeos na internet pra ver; o nome delas é Andreia de Jesus e Erika Kokay.

A Andreia de Jesus é uma mulher negra e falou muito sobre os obstáculos na vida das mulheres negras e expôs o que foi para a vida dela, um ato revolucionário: a formação acadêmica, “aprender a ler para fundamentar o que a gente faz”. Também me tocou muito quando ela falou sobre a romantização da palavra resistência e disse que não queria ter que passar a vida toda resistindo. Segundo Andreia, é preciso existir! Olha, amiga, ainda foi marcante quando ela disse que temos que parar de trabalhar com cotas e lutar por reparação, pois é preciso “devolver o que é nosso”. Ela é muito revolucionária e eu amei!

Mas a deputada Érika Kokay não fica atrás, viu? Falou muito sobre a violência política que recai sobre as mulheres, sobre a dominação e desigualdade de gênero, apagamentos, silenciamentos.... Afirmou que há um processo de desumanização das mulheres e de mercadorização da existência. Ela iniciou e concluiu a fala de uma forma poética e bem bonita, falando do significado do trançar, dos saberes, dos fazeres, dos afetos, do rizo, do canto e da dança. E encerrou citando que é fundamental honrar a nós mesmas (Bell Hooks). É esperançoso saber que, apesar de tudo, temos representantes políticas tão porretas! Bicha, elas são muito massa! Essa aula inaugural me deixou com as ideias fervendo e muito otimista com a formação.

O encontro um tratou logo de um tema muito importante e caro para as mulheres, especialmente as negras, o tal tripé da desigualdade de raça, gênero e classe. Cada palestrante do dia se deteve em uma dessas temáticas e estava claro que não dá pra separar devido à tal interseccionalidade, mas também teve a fala da Rubi Martins, representando o movimento LGBTQIAP+. Amiga, foi muita informação para um dia só, mas a palavra do dia foi a desconstrução do pensar colonial, a decolonização do pensamento, do imaginário e da existência. Pense num desafio! De acordo com a fala da professora Leda Gonçalves, da UCB, “o pensar decolonial busca ouvir vozes com seus saberes e fazeres que sempre existiram, mas foram ocultados pelo pensamento colonizado”.

Nesse encontro, discutimos muito sobre a articulação da dominação capitalista, colonial e patriarcal. E surgiu um conceito que eu não conhecia – o entroncamento patriarcal. Ave Maria, se eu já tinha medo do patriarcado, imagina de um entroncamento patriarcal, da soma das dominações. Porém, se o patriarcado se moderniza, as nossas lutas também se reinventam, né? Vi que preciso estudar mais sobre isso.

Edite, mulher, nesse mesmo dia teve uma palestrante que me tocou demais, a Elisa Urbano Ramos Pankaruru. Acho que me senti muito representada por ela ser negra, nordestina, antropóloga e professora indígena. Sua fala sobre ancestrais matriarcais, território e espiritualidade foi muito tocante. Sabe, amiga, Elisa disse algo que me chamou muito a atenção: o SUS não é o único sistema de saúde, se considerarmos a cosmovisão africana e indígena. Eu, particularmente, defendo o SUS, mas concordo com essa perspectiva. Realmente foi um dia de muitas desconstruções. Elisa pesquisa sobre feminismo indígena. Eu fiquei bem curiosa!

Agora, o encontro dois foi só novidades porque tu sabe, amiga, que eu não sou chegada às redes sociais, mas tem uma tal ferramenta chamada “Sexting” que tem sido muito usada para a exploração sexual de adolescentes e é preciso alertá-los para os riscos. Pelo menos, foi o que eu entendi. A professora Gina Vieira também falou sobre como as tecnologias de gênero são utilizadas para produzir estereótipos, identidades negativas, sexismo e violência contra as mulheres, afetando diretamente nas nossas subjetividades e na saúde mental. É, amiga, na internet tem de tudo!

O tema da saúde mental e gênero foi tratado nesse mesmo encontro, por Aline Xavier. Segundo ela, falar de gênero gera emocionalidades, pois o corpo é biológico, cultural e histórico. O gênero tem relação com a ciência, com os interesses econômicos capitalistas e com o poder. A saúde mental das mulheres também está relacionada aos aspectos afetivos e estéticos. Pelo que vi, cara Edite, é uma temática bem densa e mais complexa do que a gente consegue perceber.

Ai, Edite mulher, já estou ficando cansada, mas não posso deixar de te falar um pouco do encontro três, quando ouvimos relatos de representantes dos movimentos e redes feministas negras. Houve a participação de mulheres bem diversas (artistas, jovens, empreendedoras, de terreiro, nordestinas, etc). Teve a história de luta das mulheres negras, com Rivane Arantes, na reparação das injustiças sociais, as quais na maioria das vezes são intencionais, objetivando manter o sistema de dominação racista, patriarcal e colonial. Nesse encontro, fiquei feliz em conhecer a iniciativa de um grupo de ativistas, o Pretas de Angola, que trabalham com moda sustentável, um dos campos de maior exploração do trabalho das mulheres, sobretudo as negras e que constrói a possibilidade de um outro olhar sobre a moda, a cultura e a estética afrobrasileira. Lembrei até de um projeto antigo que escrevemos para produzir roupas afro. Tu lembra?

Por fim, chegamos ao penúltimo encontro que foi lindo e confortante demais, pois tratou sobre espiritualidade e bem viver. A fala da pastora e teóloga feminista Odja Barros me surpreendeu muito, pois acho que o bolsonarismo produziu em nós uma visão generalizada e preconceituosa sobre as pessoas evangélicas e eu me vi nesse barco. A pastora Odja iniciou sua fala nos questionando sobre quais passagens da Bíblia produziam dores para as mulheres. Foi um exercício muito libertador! E o desafio que ficou para nós foi a transformação da dor em pão.

Pois é, amiga Edite, o curso foi maravilhoso e muitas outras mulheres como Mãe Baiana, Valéria Vilhena, Luciene Rodrigues, Prethaís etc, conversaram conosco sobre essas temáticas. Todas foram muito bem escolhidas, era só a nata da mulherada! Sou muito grata a todas as pessoas que nos proporcionaram essa formação! Enfim, depois dessa rasgação de seda toda, não é possível que você deixe de fazer uma formação dessa só pra dançar no São João do Nordeste!

Abraço apertado e apretado!